

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BRENDA NUNES SODER

A REPRESENTAÇÃO DAS FIGURAS FEMININAS EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI.

Bagé

2019

BRENDA NUNES SODER

A REPRESENTAÇÃO DAS FIGURAS FEMININAS EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros

Bagé

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S5679r Soder, Brenda Nunes

A representação das figuras femininas em Doze reis e a moça no labirinto do vento / Brenda Nunes Soder.

48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019.

"Orientação: Vera Lúcia Cardoso Medeiros".

1. Literatura brasileira. 2. Conto de fadas. 3. Marina Colasanti. 4. Figura feminina. I. Título.


BRENDA NUNES SODER

A REPRESENTAÇÃO DAS FIGURAS FEMININAS EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02/12/ 2019.

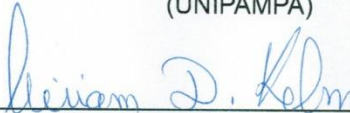
Banca examinadora:



Prof.^a Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros
Orientadora
(UNIPAMPA)



Prof.^a Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
(UNIPAMPA)



Prof.^a Dra. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a minha família,
amigos e a todos que me incentivaram e
apoiaram durante a minha trajetória.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por iluminar meu caminho, me conceder serenidade, persistência e fé!

A minha família, pelo apoio e compreensão pelos momentos que não pude estar totalmente presente e por ser meu porto seguro.

Agradeço a minha mãe, Carmen, por ser meu exemplo, meu alicerce, meu apoio incondicional de toda a vida.

A minha irmã Bruna, por ser minha parceira e amiga de todos os momentos.

Ao meu pai Sérgio, por ter me apoiado nessa jornada.

As minhas sobrinhas, Antonela e Antônia, que não fazem ideia de que, em dias exaustivos, elas foram minha alegria.

A Prof.^a Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros, pela compreensão e apoio não somente no trabalho de conclusão de curso, mas também pelo auxílio nos estágios obrigatórios.

Aos professores que me inspiraram a me tornar professora, a me encantar pela docência e a desenvolver cada vez mais o meu amor pela literatura.

Agradeço aos meus amigos pela compreensão da minha ausência durante esse último ano e por me ouvirem em minhas horas de fragilidade.

Aos amigos que a vida acadêmica me concedeu, Adriano, Évelin e Marislaine, por estarem juntos comigo durante essa caminhada e por viverem essa experiência ao meu lado diariamente.

“Que nada nos defina, que nada nos
sujeite. Que a liberdade seja a nossa
própria substância.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema **A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI**. Seu objetivo geral é analisar a representação da mulher na obra. Realizou-se pesquisa bibliográfica, apoiando-se em autores como PRIORE (1997), MOISS (2007), CANDIDO (1968), entre outros. A partir da análise dos contos, verificou-se que as figuras femininas podem ser organizadas em dois grupos, de acordo com suas atitudes na trama. Há personagens femininas com diferentes comportamentos, algumas mais independentes e autônomas, outras mais submissas. Constatou-se também que o gênero adotado pela autora, conto de fadas, seguiu a estrutura tradicional em alguns casos, enquanto, em outros, sofreu transformações, seguindo a forma de representar a figura feminina de uma forma mais contemporânea.

Palavras-Chave: Literatura brasileira. Conto de fadas. Marina Colasanti. Figura feminina. Doze reis e a moça no labirinto do vento.

RESUMEN

Este documento de conclusión del curso tiene como tema **LA REPRESENTACIÓN DE LA FIGURA FEMENINA EN DOCE REYES Y LA CHICA EN EL LABERINTO DEL VIENTO, POR MARINA COLASANTI**. Su objetivo general es analizar la representación de las mujeres en el trabajo. Se realizó una investigación bibliográfica, basándose en autores como PRIORE (1997), MOISÉS (2007), CANDIDO (1968), entre otros. Del análisis de los cuentos, se descubrió que las figuras femeninas se pueden organizar en dos grupos, de acuerdo con sus actitudes en la trama. Hay personajes femeninos con diferentes comportamientos, algunos más independientes y autónomos, otros más sumisos. También se descubrió que el cuento de hadas adoptado por el autor siguió la estructura tradicional en algunos casos, mientras que en otros experimentó transformaciones, siguiendo la forma de representar la figura femenina de una manera más contemporánea.

Palabras clave: Literatura brasileña. Cuento de hadas. Marina Colasanti. Figura femenina. Doce reyes y la chica en el laberinto del viento.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1.1	História das mulheres no Brasil.....	13
2.1.2	Submissão feminina nos primórdios do Brasil.....	13
2.1.3	A figura feminina como feiticeira.....	14
2.1.4	A repressão sofrida pelas mulheres.....	15
2.1.5	Uma nova mulher, decidida.....	16
2.1.6	A figura feminina durante a burguesia.....	16
2.1.7	Preocupação com a independência feminina.....	18
2.1.8	Violência como sobrevivência.....	19
2.1.9	Más influências para as mulheres.....	21
2.1.10	A figura feminina nos anos dourados.....	21
2.1.11	Mulher independente.....	22
2.2	Mulher e literatura.....	23
2.3	Estudo da Personagem.....	26
2.4	Gênero conto de fadas.....	29
3	ANÁLISE DA OBRA.....	30
3.1	Dados sobre a autora.....	30
3.2	<u>Doze reis e a moça no labirinto do vento</u>	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso, cujo tema é **A REPRESENTAÇÃO DAS FIGURAS FEMININAS EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI**, publicado em 1982, foi desenvolvido com o objetivo de realizar o estudo das personagens femininas na obra, destacando a representação da mulher. O interesse por contos de fadas é algo que marca a infância de praticamente todas as crianças, principalmente por parte das meninas, que já são incentivadas por seus pais a serem como princesas, lindas, delicadas e gentis. Quando crescemos e nos tornamos adultas, nos deparamos com a sociedade em que vivemos, em que ainda impera o ideal patriarcal de casar e ter filhos, além do machismo velado ou totalmente exposto que se nota no cotidiano de toda mulher, ou pela dificuldade de ter um emprego com salário equivalente entre os sexos, ou simplesmente pela falta de segurança a que uma mulher é submetida ao andar na rua, entre outros... Por isso, então, surge a necessidade de uma nova representação feminina, em que a criança perceba que ser princesa é bem mais amplo do que esperar o príncipe encantado lhe salvar.

Por meio dos contos de fadas da autora Marina Colasanti, é possível ver um novo ideal de princesa, uma nova possibilidade de versão feminina em que mulheres sejam protagonistas de suas histórias; façam escolhas e tomem atitudes, por coragem ou somente curiosidade sejam levadas a praticar ações que as tornem independentes e donas de seus destinos.

Este trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica na obra História das mulheres no Brasil, organizada por Mary Del Priore, contendo textos de diversos autores referentes à história da mulher. Entre os textos examinados, destaca-se o de Ronald Raminelli, que escreve o capítulo sobre “Eva tupinambá”; Emanuel Araújo, que escreve o capítulo “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”; Luciano Figueiredo, autor do capítulo “Mulheres nas Minas Gerais”; Maria Ângela D’Incao, autora do capítulo “Mulher e família burguesa”; Joana Maria Pedro, autora do capítulo “Mulheres do Sul”; Rachel Soihet, autora do capítulo “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”; Carla Bassanezi, autora do capítulo “Mulheres dos anos dourados”; e Lygia Fagundes Telles, autora do capítulo “Mulher, mulheres”. Foram

examinadas ainda teses sobre a luta feminina pelo direito a sua inserção na área literária dos autores Farias (2017), Dodo (2010), Gomes (2004), Paulino (2014).

Esta monografia está organizada em dois capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. Um capítulo dedica-se à apresentação do referencial teórico que sustenta as análises e está dividido nos seguintes subcapítulos: História das mulheres no Brasil, Mulher e literatura, Estudo da personagem e Gênero conto de fadas. O outro capítulo está subdividido em duas partes: Análise da obra, Dados sobre a autora e Doze reis e a moça no labirinto do vento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 História das mulheres no Brasil

Neste capítulo, será abordada a história das mulheres no Brasil ao longo do tempo, a sua submissão à família, preceitos, marido e sociedade, em que cada gesto e atitudes suas eram julgadas a todo momento, além da sua luta por direitos, por independência e principalmente por poderem viver e ser livres. Será feito esse estudo através da obra História das mulheres no Brasil, organizada por Mary Del Priore e lançada pela editora Contexto em 1997, contendo textos com a temática da história feminina em nosso país, de autores diversos, como Ronald Raminelli, que escreve o capítulo sobre “Eva tupinambá”. Ou Emanuel Araújo que escreve o capítulo “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”, Luciano Figueiredo autor do capítulo “Mulheres nas Minas Gerais”, Maria Ângela D’Incao autora do capítulo “Mulher e família burguesa”, Joana Maria Pedro autora do capítulo “Mulheres do Sul”, Rachel Soihet autora do capítulo “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, Carla Bassanezi, autora do capítulo “Mulheres dos anos dourados” e Lygia Fagundes Telles, autora do capítulo “Mulher, mulheres”.

2.1.2 Submissão feminina nos primórdios do Brasil

De acordo com o autor Ronald Raminelli, autor do capítulo “Eva tupinambá”, documentos do tempo do Brasil colônia trazem alguns relatos de quem viveu essa época, e de europeus, permitindo conhecer a visão sobre as indígenas. Em um primeiro momento, obviamente havia as diferenças entre os povos, sendo essas diferenças consideradas desvios de fé, pois os índios não eram catequizados como os europeus, além dos costumes extremamente diferentes. Ainda na passagem de menina para mulher, os rituais já eram bastante violentos para elas, e assim tradicionalmente todas passavam por estas práticas. Por exemplo, após a primeira menstruação, começa o primeiro rito de passagem, que inicia pelo corte do cabelo rente á cabeça, podendo serem até queimados os cabelos; após eram feitas incisões na pele, com dente de algum animal, segundo Alfred Métraux descreve em sua obra

“A religião dos tupinambás”: “Com isso, corre-lhes o sangue por toda as partes, e, se não fora o pejo ou temor, soltariam as moças gritos horríveis”. (MÉTRAUX, 1979, *apud* RAMINELLI, 1997, p. 17)

Havia diversos rituais aos quais somente as mulheres das tribos eram submetidas, como é descrito no capítulo “Eva Tupinambá” um dos rituais citados provocava o sangramento dos corpos, que eram esfregados por cinzas resultantes da queima de abóboras selvagens, que produzia substância corrosiva como a pólvora, assim fazendo as cicatrizes serem permanentes.

De acordo com o autor Emanuel Araújo, responsável pelo capítulo “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”, pertencente à obra História das mulheres no Brasil, com os avanços do tempo, a subordinação a que as mulheres eram submetidas seguia, com algumas diferenças obviamente. As leis do estado e da igreja, com frequência bastante duras, a vigilância dos pais e marido além dos velhos costumes misóginos, tudo com o mesmo objetivo de abafar a sexualidade feminina, que, caso se libertasse das amarras, seria um perigo, ameaçando o equilíbrio doméstico ao qual todos estavam acostumados. A ideia da igreja era clara: o homem era superior à mulher, ele deveria exercer sua autoridade, seguindo esta passagem bíblica: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da igreja... como a igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos” (ARAÚJO, 1997, p. 46). Todas as mulheres estavam condenadas a pagar eternamente pelo erro de Eva, que levou Adão ao pecado, conseqüentemente como a mulher partilhava da essência de Eva, tinha que ser controlada.

2.1.3 A figura feminina como feiticeira

Ainda de acordo com Emanuel Araújo, as mulheres eram vistas como feiticeiras, eram, por natureza, mais propensas à arte do mal, como se fossem bruxas, sempre realizando uma ligação entre a feitiçaria e sexualidade, e por esses feitiços serem úteis, sobretudo no campo afetivo, eram ligados a artimanhas femininas. Era uma crença tão forte na época, que o autor Gregório de Matos fazia críticas à mulher tida como feiticeira:

Dormi com o diabo á destra
E fazei-lhe o rebolado,
Porque o mestre do pecado
Também quer a puta mestra,
E se na torpe palestra
Tiveres algum pesar,
Não tendes que reparar,
Que o diabo quando emboca
Nunca dá a beijar a boca,
E no cu o heis de beijar.
(ARAÚJO, 1997, p. 49)

2.1.4 A repressão sofrida pelas mulheres

Ainda pela autoria de Emanuel Araújo, o autor tece a visão que era mantida sobre a mulher, que era de alguém com luxúria desmedida, e, sendo assim, sua sexualidade deveria ser vigiada de perto. Nos tempos coloniais, havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair de casa: para se batizar, se casar e ser enterrada. Por isso a educação que as mulheres recebiam era dirigida exclusivamente para afazeres domésticos, e quando aprendessem o básico de ler e escrever, seria para cumprir tarefas dentro de casa, como uma clausura, ou ela aprendia na sua própria casa, se sua família possuísse dinheiro para pagar uma preceptora, ou através de sua ida para um convento. Meninas de catorze ou quinze anos para as quais ainda não lhes tivesse conseguido um casamento, já se tornaram preocupação dos pais, pois desde muito cedo os sentimentos das mulheres deveriam ser domesticados, assim casando com um homem muito mais velho que ela, até uns setenta anos, e ainda assim sofrendo interferência da igreja a todo momento no casamento, pois um casal não deveria sentir prazer em relações sexuais, era “pecado”, o único objetivo era somente a procriação de filhos, ao fim a mulher se tornava mãe e aí sim uma mulher honrada, a maternidade para a sociedade afastava a mulher da imagem de Eva, e a aproximava da imagem de Maria, mãe de Jesus.

Como afirma o autor, na época colonial algumas mulheres não obedeciam às exigências da igreja, de que mulher tinha que se vestir com decência, evitando mostrar o pescoço e os pés, considerados muito eróticos. Nesse mesmo período o que assombrava os homens, era a possibilidade de serem traídos, sendo o caso que alguns homens para evitar o adultério prendiam suas mulheres em conventos, por longos anos, nesse período a mulher que fosse pega em adultério, o marido traído teria por direito matar o amante e a esposa adúltera.

2.1.5 Uma nova mulher, decidida

No capítulo “Mulheres nas Minas Gerais”, do autor Luciano Figueiredo, demonstram-se as novas e diferentes visões femininas sobre o mundo. No século XVIII, as mulheres que viviam em Minas Gerais participavam mais da vida social e principalmente da economia. Ao contrário da submissão normal da época, em muitas regiões as mulheres enfrentaram as normas, os preconceitos e perseguições tentando um caminho de participação social e econômica. Elas procuravam sua emancipação através do trabalho, a princípio era recorrente para as mulheres, negras, mulatas e pobres a prostituição, na época colonial e principalmente em Minas Gerais havia muitas casas de prostituição, mais provavelmente pelo fato de ter muitos mineiros trabalhando nessa área, mas esse ofício foi o único caminho encontrado pelas mulheres em situação de extrema pobreza para pagar os impostos, assim evitando ser presas devido ao não pagamento. Na época, casamento entre pessoas que não fossem da mesma classe social não era aceito pela igreja, muitas mulheres negras alforriadas se “casavam” com homens brancos, se tornando assim “donas de casa”. Mas, ao final, o cotidiano feminino saiu fortalecido. “Se pesadas e rigorosas foram as medidas para controlá-lo, hábeis e engenhosas foram as alternativas de sobrevivência encontradas para transgredi-las” (FIGUEIREDO, 1997, p. 185).

2.1.6 A figura feminina durante a burguesia

Durante o século XIX, ocorreram muitas transformações no Brasil por causa do capitalismo e da vida urbana como um modo novo de conviver socialmente, surgindo assim a burguesia, como veremos através do capítulo “Mulher e família burguesa” de Maria Ângela D’Incao da obra História das mulheres no Brasil, em que a autora relata as mudanças de hábitos da população, como também mudanças nos interesses a respeito dos casamentos na época, que se tornaram um negócio a ser realizado. O Brasil, que era praticamente totalmente rural, se transformou, surgindo muitas áreas urbanas, mas nesses locais tinha algumas situações novas, muitas pessoas desocupadas, as ruas sem muitas regras a serem cumpridas, com o escoamento do esgoto a céu aberto, deixando um péssimo cheiro nas ruas, gerando di-

versas reclamações. Uma medida pública que o estado toma é de higiene durante o império, pois as ruas da cidade eram de uma falta de higiene apavorante, havendo muitas doenças desconhecidas. A cidade burguesa teria de lutar contra comportamentos e atitudes tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação.

Nesse momento, as casas mais ricas se abriam para uma espécie de apresentação pública, pois eram abertas para realização de saraus noturnos, jantares e festas. O desenvolvimento das cidades fez com que suas casas fossem mais frequentadas, assim a mulher não só era vigiada pelo marido e pelo pai, agora a sociedade também a vigiava. Através dessa convivência maior entre as mulheres incentivou a absorção de novelas românticas, essas histórias incentivaram a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento. O casamento entre as famílias ricas burguesas era usado principalmente como degrau de ascensão social.

Através da literatura do período é que se obtém a informação de que as mulheres de classe baixa tinham maior possibilidade de poder amar pessoas de sua condição social, pois caso o envolvimento levasse a uma união não comprometeria os interesses políticos e econômicos, já as mulheres de mais posses eram extremamente bem cuidadas quando candidatas ao casamento, sendo trancafiadas em casa, e como requisito fundamental havia a virgindade da moça, pois o casamento era uma aliança política e econômica. Essas mulheres, depois de casadas, ainda sofriam com a vigilância e passavam por vários constrangimentos em seus casamentos, para elas o amor foi mais uma ilusão do que algo real. Independente de com quem e que cargo ocupava, era das mulheres a responsabilidade do sucesso familiar, para manter seu nível de prestígio social; era obrigação da mulher cuidar da imagem pública do homem, sendo assim considerada a base moral da sociedade. Com o decorrer do tempo, as normas de comportamento perante o casamento se tornavam mais tolerantes, desde que se mantivessem as aparências e que o prestígio de boa família não ficasse abalado.

As diferentes classes podem estabelecer relações numa sala de visitas, por normas de cortesia, mas não devem misturar o sangue [...] numa sociedade cujo valor e a liberdade do ser humano eram medidos pela riqueza. (D'INCAO, 1997, p. 238)

2.1.7 Preocupação com a independência feminina

Através do medo das mudanças que as mulheres deixavam transparecer, a sociedade começou a tentar diminuí-las através de piadas de cunho machista, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, como é descrito por Joana Maria Pedro no capítulo “Mulheres do Sul”. Diversas mulheres, viúvas ou mais pobres precisavam trabalhar para ajudar no sustento da casa, mas claro, com trabalhos realizados somente em casa, como fazer doces por encomenda, bordar, ou dar aulas de piano, e ainda assim muitas vezes realizavam o trabalho e solicitavam que outras pessoas vendessem em seu lugar, pois seriam mal faladas, e seus maridos virariam chacota por não estarem sustentando suas famílias, afinal a mulher não precisava e nem deveria ganhar dinheiro.

A imagem das mulheres como uma preocupação para a sociedade foi descrita em uma publicação no jornal do comércio em 1881:

A mulher

A mulher que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte, e para Salomão uma vingança, é, para o médico, um corpo, para o juiz uma ré, para o pintor, um modelo, para o poeta, uma flor, para o militar, uma camarada, para o padre, uma tentação, para o enfermo uma enfermeira, para o são, uma enfermidade, para o republicano, uma cidadã, para o romântico, uma diva, para o versátil, um joguete, para o gastrônomo, uma cozinheira, para o menino, um consolo, para o noivo, um desejo, para o marido, uma carga, para o viúvo, um descanso, para o pobre, uma calamidade, para o rico, uma ameaça, para o jovem, um pesadelo, para o velho, um inimigo, para o homem, um estorvo, para o diabo, um agente, para o mundo, uma força, e, para o tipógrafo... uma página. (PEDRO, 1997, p. 282)

Através de todas essas definições para as mulheres, pode-se notar o quanto gerava inquietação na sociedade definir os papéis femininos, e isso era demonstrado através das publicações nos jornais inclusive. Em 1888, o Jornal do Comércio publicou os “Dez mandamentos da mulher”:

- 1 Amei ao vosso marido sobre todas as coisas.
- 2 Não lhe jureis falso.
- 3 Preparai-lhe dias de festa.
- 4 Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe.
- 5 Não o atormentes com exigências, caprichos e amuos.
- 6 Não o enganeis.
- 7 Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
- 8 Não resmungueis, nem finjas ataques nervosos.
- 9 Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu

marido.

10 Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines.

E no final: “Estes dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha da toilette. (PEDRO, 1997, p. 285)

Como uma piada, eram feitas regras para as mulheres, e publicadas em um jornal como algo corriqueiro, o que na sociedade machista era algo comum e aceito. Em diversos jornais da época, a imagem da mulher era vista como motivo de deboche, sempre de forma a tratar com descaso ou relatando a ideia de adúltera. Ao realizar um estudo a par das notícias, se vê que na época, no dia a dia, as mulheres já tinham seu destaque, já tinham sim assumido as rédeas de suas vidas, assim várias mulheres, solteiras, viúvas, teriam seus bens, cobravam dívidas e iam atrás do que queriam, bem diferente da imagem que os jornais queriam passar para a sociedade.

Ainda existia a ideia da inteligência da mulher como complementar a do homem, como se ela fosse somente uma continuação do próprio marido, e como o principal papel da mulher, sempre foi o de mãe, e sua atitude de submissão como “obediência e amor”, elas eram ditas obedientes aos seus maridos por serem delicadas e meigas, a mulher teria mais pureza que o homem, mais ternura, mais bondade, e amor. Instintos de obediência, porque amar seria obedecer, sentir-se feliz, somente pela felicidade dos outros.

2.1.8 Violência como sobrevivência

As mulheres sempre tiveram tratamentos muito mais rígidos que os voltados aos homens, inclusive as leis da época eram diferenciadas por gênero, como foi descrito no capítulo “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano” da autora Rachel Soihet. Em 1898 milhares de mulheres sofriam nas mãos de maridos bêbados e violentos, em alguns casos essas mulheres que eram submetidas a esse tipo de tratamento, conseguiam se defender e se proteger, uma demonstração do quanto as mulheres conseguiram evoluir e reagir a homens violentos e abusivos, de maneira extrema, com violência, sendo assim a única alternativa para a sobrevivência dessas mulheres, a única forma de reação possível. Os crimes passionais, nessa época, se tornaram algo quase comum, como no exemplo de Malvina, que descobriu

a traição do marido, foi atrás da amante, após beber, e atirou contra ela, matando-a. Depois Malvina alegou ter fugido de sua razão no momento do ocorrido, sendo absolvida. Mas o mais costumeiro era o medo que os homens tinham de serem traídos por suas esposas, por isso, nesse período, por volta de 1890, no código penal, somente as mulheres eram punidas por adultério, e geralmente eram condenadas à pena de morte.

Nos anos 20, existia a imprensa anarquista, e diversos artigos eram escritos por mulheres militantes, em que era colocada em questão a emancipação feminina; ao tentar conseguir emprego se tornavam indesejáveis, tanto para trabalhar em fábricas ou qualquer outro ramo. No final do século XIX, as mulheres obtiveram o direito de estudar, e instituições foram abertas para ambos os sexos, claro que mantendo a distância que a sociedade achava necessária, homens e mulheres em lugares separados. Assim se formaram as escolas normais, ao longo do tempo foi-se notando que as escolas tinham muito mais alunas mulheres que homens, assim tornando o Magistério um trabalho feminino. As moças eram vistas muitas vezes como ingênuas, inconsequentes e deslumbradas, e por medo que essas moças se desviassem do bom caminho, a vigilância sobre elas se fazia necessária.

Havia muitas revistas na época, cujos nomes já eram bem sugestivos: *Jornal das moças*, *Querida*, *Vida doméstica*, entre outras. Esses periódicos traziam as imagens do modelo de família branca, classe média, com papéis bem definidos, e regras sobre absolutamente tudo. Essas imagens, mais do que refletir sobre os costumes daquele período histórico, promoviam os valores de classe, de raça e gênero dominantes da época.

2.1.9 Más influências para as mulheres

Na década de 1950, alguns conservadores criticavam inclusive o cinema americano, dizendo que era má influência, pois mostrava mocinhas ousadas e com iniciativas, e que não respeitava os mais velhos. A literatura também devia ser controlada, as moças só podiam ler obras inofensivas à moral e bons costumes. Ficava mal para a reputação das jovens vestir roupas ousadas, sair com rapazes ou serem vistas em lugares escuros, em situações que sugerissem intimidades com um homem. Elas só poderiam andar com rapazes se estivessem acompanhadas de outras

pessoas, amigas, irmãos etc; chamados de seguradores de vela, pois os pais tinham medo do que iam falar, já que o casamento era para vida toda, e nenhum homem iria desejar casar-se com uma mulher mal falada. O código de moralidade era conhecido por todos, então todos sentiam ter o direito de julgar o comportamento de uma jovem, os pais, os vizinhos, amigos, a sociedade em si. Em relação aos casamentos, uma mulher de 20 anos já poderia ser considerada enalhada, aos 25 era considerada uma solteirona, enquanto um homem de 30 anos solteiro e com estabilidade financeira era um ótimo partido, isso nas cidades grandes, no interior o casamento era ainda mais cedo. Algumas jovens fugiam do padrão estabelecido, fumavam, liam coisas proibidas, investiam em futuro profissional, algumas inclusive abriam mão de sua virgindade, algumas delas conseguiram ser felizes no amor, outras sofreram repressão por suas atitudes. A ideia de “ficar pra titia” na época era assustadora para algumas mulheres.

2.1.10 A figura feminina nos anos dourados

Na década de 1950, as mulheres eram como bonecas; deveriam ser a rainha do lar, todos adjetivos ligados à submissão esperada por parte delas, como descrito pela autora Carla Bassanezi no capítulo “Mulheres dos anos dourados”, a esposa dos anos dourados era valorizada por ser a “rainha do lar” sempre pensando na felicidade de seu marido, a mulher deveria ser uma boa companheira, como foi divulgado em jornais da época:

Acompanhe-o nas opiniões [...] quanto mais você for gentil na arte de pensar, tanto maior será a importância de seu espírito no conceito dele. Esteja sempre ao seu lado, cuidando dele, animando-o [...] reconhecendo seus gostos e desejos. (Jornal das Moças, 27 out.1955)
 [a mulher] tem uma missão a cumprir no mundo: a de complementar o homem. Ele é o empreendedor, o forte, o imaginoso. Mas precisa de uma fonte de energia (...) A mulher o inspira, o anima, o conforta. [...]
 [a arte de ser mulher] exige muita perspicácia, muita bondade. Um permanente sentido de prontidão e alerta para satisfazer às necessidades dos entes queridos. (O CRUZEIRO, 1958 *apud* BASSANEZI, 1997, p. 628)

A boa companheira seria a mulher que adivinhasse o que o marido queria, amar sem medir sacrifícios com foco na felicidade do marido, dar atenção a ele quando retornasse do trabalho, manter bom humor e a integridade da família, além

de ser interessada em vários assuntos para poder conversar com seu marido, e principalmente não envergonhá-lo na frente de seus amigos e eram regras atrás de regras para que uma mulher se tornasse uma boa esposa, boa mãe e sempre se submetendo ao marido.

2.1.11 Mulher independente

Como veremos neste capítulo nomeado “Mulher, Mulheres”, da autora Lygia Fagundes Telles, as mulheres do séc. XX começaram uma revolução que se desenvolveu plenamente durante a segunda grande guerra, em que os homens tiveram que partir para a batalha, deixando assim seus ofícios para trás, que foram ocupados oportunamente pelas mulheres, em fábricas, escritórios e afins, em muitos casos desenvolvendo melhor que os homens o ofício em questão, como relata a autora:

Oportuno lembrar que em muitos casos essas mulheres demonstram maior habilidade do que os homens no trato com certas máquinas, uma prova evidente de que as mãos femininas, afeitas aos trabalhos caseiros (as tais prendas domésticas), podiam lidar com uma prensa rotativa com a mesma facilidade com que bordavam uma almofada [...] (TELLES, 1997, p. 669)

A autora enfatiza que a pergunta feita por Freud ainda existe: “Mas afinal o que querem as mulheres?” (TELLES, 1997, p. 670), esclarecendo assim o que ela desejava, que era somente entrar para faculdade de direito, e ainda conta como foi a reação de sua mãe a essa sua decisão, ela ficou apreensiva e questionou a filha sobre sua escolha, a de entrar em uma escola destinada a homens, já pensando em o que seu futuro marido poderia pensar, pois mulheres inteligentes não eram do agrado masculino, mas ao refletir sua mãe a apoia, e sonha junto com a autora. Ainda nesse capítulo a autora relembra o papel da mulher, como alguém invisível, que deveria ser reprimida e escondida, e que por isso tenha desenvolvido muito mais que os homens o domínio da observação, da estratégia e perspicácia, mas de acordo com os homens, isso as torna mais perigosas.

“A difícil revolução da mulher sem agressividade, ela que foi tão agredida” (TELLES, 1997, p. 672), é a definição da autora para a luta das mulheres pelos seus direitos, direito de escolha, seja de profissão, de quando e se casar, e de que

caminho seguir, se ser dona de casa e ter filhos a fizer feliz, que a mulher se sinta realizada e que tenha a mesma importância como qualquer outro caminho escolhido na vida.

2.2 Mulher e Literatura

Este capítulo apresentará ideias encontradas em algumas teses e dissertações que falam sobre as lutas e conquistas femininas nessa área tão rica e enobrecedora que é o campo da literatura. A princípio, veremos as dificuldades encontradas por mulheres para exercer o ofício de escritora no Brasil, através da dissertação de mestrado de Morgana de Medeiros Farias, realizada na Universidade Federal da Paraíba em 2017, em que a autora afirma que, durante muito tempo, os olhares eram voltados somente às obras literárias escritas por autores do sexo masculino. Havia quatro elementos o qual definiam o motivo pelo qual a mulher cidadã e escritora não poderia obter esse título: a princípio o título estava ligado a privilégios de classe, elas não tinham acesso à cultura impressa (somente em classes privilegiadas), não era permitido o acesso ao poder público e, o mais comum a todas, o confinamento à domesticidade. Há um tempo, mulheres escritoras utilizavam pseudônimos para atribuírem autoria a suas produções, pois não era aceitável que mulheres escrevessem para a mulher era reservado somente o espaço do lar, onde ela vivia presa, de modo que não representasse nenhum risco à cultura patriarcal.

Poucas vezes na história foi permitido às mulheres falar sobre si ou expressar opinião sobre qualquer assunto, mesmo sendo muito difícil para um homem escrever sobre o mundo feminino, além de ser superficial, pois somente uma mulher sabe descrever as dificuldades enfrentadas. Poucas autoras conseguiram alcançar lugar de destaque na literatura, devido à literatura “feminina” ser considerada de menor valor, pois, para a cultura ocidental, a mulher tem uma visão romantizada da vida, e por isso não teria como escrever sobre a realidade. O fato de escolher o amor como tema não diminui a qualidade de suas obras, além de que historicamente só foi permitido pela sociedade que as mulheres amassem seus maridos, filhos e família.

Podemos citar algumas autoras que lutaram por seu espaço e conseguiram destaque e espaço desejado, como: Rachel de Queiroz (1910 - 2003), Lygia Fagundes Telles (1923 -), Cecília Meireles (1901 - 1964), Adélia Prado (1935 -),

Clarice Lispector (1920 – 1977), Hilda Hilst (1930 – 2004), entre outras. Durante muito tempo essas mulheres sofreram preconceito inclusive sobre os temas de escrita em seus textos, os leitores na sua maioria homens, acreditavam que elas teriam vivido em realidade o que estava escrito, por um longo tempo autoras mulheres evitaram escrever sobre temas como, prostituição, aborto, sexo livre, que fizeram parte da vida das mulheres, tanto quanto a maternidade e o casamento, pois confundem-se a área ficcional e a vida privada da autora.

De acordo com a autora, ao rever a história e a luta das mulheres, vemos que elas podem e devem chegar a espaços que antes não lhes era permitido ocupar, sendo que, dessa forma, elas modificam não somente o campo privado de suas vidas, mas também os grupos sociais em que se inserem.

Por meio dos Estudos Culturais, tendência teórica que surgiu em meados de 1950, analisando processos sociais, questões sobre a realidade e evolução da cultura. Essa teoria afirma que a cultura não é somente a descrição de costumes de uma sociedade, mas também suas práticas sociais e a soma de suas relações. É essa militância que as mulheres assumiram, já que são as principais responsáveis pela luta em consolidar sua liberdade de expressão e de escolhas. Farias destaca também que a segunda onda do feminismo se dividiu em três fases: a primeira estava relacionada aos movimentos sociais que cresciam nos anos 60; a segunda, a busca por identidade; e a terceira ao feminismo como prática política.

De acordo com a autora, o cânone literário atualmente está se abrindo bem mais para as mulheres escritoras, após longos anos de resistência contra o dito “saber literário” que só pertencia aos homens. Em momento algum faltaram condições artísticas às mulheres, pois as obras que elas escreviam apresentavam nítida qualidade artística.

A autora Morgana de Medeiros Farias afirma, em sua dissertação, que, através das transformações provocadas pelos movimentos sociais e políticos nos anos 60 e 70, a expansão de instituições de nível superior impulsionaram o crescimento de mulheres como universitárias, buscando um projeto de vida que ultrapassasse o ambiente doméstico. Já nos relacionamentos, as mulheres foram educadas a aceitar traições dos maridos, que, por serem homens, teriam mais desejos e por isso deveriam ser perdoados, já a traição feminina obviamente era repudiada. O que era

permitido em comportamento para mulheres é bem mais restrito do que em relação aos homens; o que pode ser observado desde a infância, quando as meninas ganham em sua maioria brinquedos como, “panelinha”, “fogãozinho”, entre tantos outros, todos relacionados a tarefas domésticas enquanto para os meninos são direcionados “carros”, “arco e flecha” entre outros, todos ligados ao clima de aventura; por essas considerações a autora sugere que a mulher tem maior probabilidade de desenvolver depressão do que o homem.

Para Farias, os estudos desenvolvidos depois das décadas de 60 e 70 tinham a pretensão de acabar com os mitos de inferioridade natural da mulher em relação aos homens, e assim descobrir sua própria história, revendo criticamente o que os homens escreveram a esse respeito. A autora Showalter classifica a tradição literária das mulheres em três etapas, a primeira, chamada de feminina, era a investigação das imagens e atitudes de mulheres nas obras de um autor, de um gênero literário ou de um período. A segunda fase, chamada de ginocrítica, etapa do protesto, com o foco na mulher como escritora, que cria heroínas e protagonistas de suas vidas. A terceira etapa, chamada de fêmea, é a fase da auto-realização. Segundo autoras que citam Showalter, elas rejeitam a fase em que a mulher imita o estilo masculino, pois é na fase do auto-reconhecimento que a mulher cria sua autonomia.

Como parte das culturas dos tempos de hoje, a literatura, o feminismo e a crítica feminista se apresentam como mecanismos essenciais à construção de uma nova mentalidade por parte do público leitor, atento às mudanças pelas quais o mundo vive passando. Não há como tratar os acontecimentos atuais da mesma forma que se tratou séculos atrás, pelo simples fato de as pessoas evoluírem e buscarem melhorias de vida. (FARIAS, 2017, p. 26).

2.3 Estudo da personagem

Através do autor Massaud Moisés, em sua obra A análise Literária, faremos a distinção da personagem em uma narrativa, em que sempre há ações que se sucedem: alguém que grita, um homem que se levanta, são ações realizadas por determinadas personagens, cuja importância irá aparecer ao decorrer da narrativa. O que se nota é a seguinte situação: a personagem que se ergue assume o protagonismo, é ele quem ouve o grito de alguém e em seguida pratica a ação, dessa forma através do ponto de vista de uma personagem, o narrador procura apontar informações

como, espaço, personagens etc, que vão demonstrar um universo acessível ao leitor, esse universo demonstra o mundo em transformação, as ações mudam os comportamentos das personagens, essas ações levam à associação de ideias.

As personagens podem ser divididas em dois grupos, conforme suas características: personagens redondas e personagens planas. Personagens planas não são dotadas de muitas características, basicamente tem somente uma qualidade, ou somente um defeito. Personagens redondas possuem várias faces, tendo formas complexas, de qualidades e defeitos.

As personagens de ficção podem ser analisadas de forma estática ou dinamicamente. As personagens planas são estáticas em sua personalidade e forma, pois possuem uma característica única, mas sua análise é dinâmica, pois pode ser feita de diversos pontos de vista. Já as personagens redondas são totalmente dinâmicas em suas características, mas podem ser analisadas de forma estática ou dinâmica.

A análise estática é a descrição da personagem e suas características, como aspectos físicos, psíquicos, roupas etc, como demonstra o exemplo a seguir:

Era de vinte anos, tipo do norte, franzino, amorenado, pescoço estreito, cabelos crespos e olhos vivos e penetrantes, se bem que alterados por um leve estrabismo. Vestia casimira clara, tinha um alfinete de esmeralda na camisa, um brilhante na mão esquerda e uma grossa cadeia de ouro sobre o ventre. Os pés, coagidos em apertados sapatinhos de verniz, desapareciam-lhe casquilhamente nas amplas bainhas da calça. (MOISÉS, 2007, p. 111 -112)

Se a personagem fosse redonda, suas formas de descrição não seriam fixas, podendo se mostrar diferentemente ao longo da narrativa, como exemplo:

Parecia uma gata selvagem, os olhos ardendo acima das faces incendiadas, pontilhadas de sardas escuras de sol, os cabelos castanhos despenteados sobre as sobrancelhas. Enxergava em si púrpura sombria e triunfante. (MOISÉS, 2007, p. 112)

É uma descrição totalmente diferente da personagem plana, nesse caso não se tem elementos físicos claros de como é a personagem, é uma descrição do interior, que não deixa explícito como é a aparência ou o caráter da pessoa em questão. Ou seja, a personagem plana é descrita e possui somente um defeito, ou qualidade, que será mantida até o fim da narrativa, como uma característica única e estática, enquanto a personagem redonda, devido a sua não caracterização explícita, tanto

física quanto psicológica, vai se demonstrando ou se modificando ao longo da narrativa, assim demonstrando todos os lados da personalidade da personagem.

As personagens vivem determinado enredo, dando sentido de existência a elas. Há diversas classificações de personagens, as que se baseiam no que as personagens são, no que elas representam e no que elas fazem, por exemplo:

A) Por sua natureza: elas podem ser seres humanos, coisas, animais e também elementos da natureza.

B) Pela variedade: individuais, quando é caracterizada sua personalidade, típicas, que possuem características representativas de um grupo social, como a representação dos retirantes nordestinos. Caricaturais, quando possuem características exageradamente acentuadas.

C) Pela função que desempenham: protagonistas, figuras principais da história. Antagonistas, personagens que se opõe de forma direta contra a protagonista ao longo do enredo.

O autor Antonio Candido, na obra A personagem de ficção, demonstra que a literatura ficcional se diferencia de outras modalidades de escrita porque aponta o caráter fictício da realidade empírica (a realidade do dia a dia). A classificação da obra literária é dada a partir de três problemas. O primeiro é o ontológico, pois a obra surge de contexto que torna seres e mundos intencionais em realidade, através da imaginação do leitor. Outro problema é o lógico, em que a diferença entre obra literária e não literária se dá porque a literária não busca ser objetiva, mas sim uma realidade possível, de mundo imaginário cercado de personagens fictícios. O último problema é o epistemológico, porque a personagem é a principal responsável pela ficcionalidade da obra, é através dela que a camada imaginária se torna nítida, é ela, a personagem, que dá a aparência real à situação imaginária, colocando o leitor dentro desse mundo imaginário.

Outro aspecto que Candido destaca é a diferença entre pessoa e personagem: pessoas reais são definidas como determinadas, como unidades concretas, integradas a uma infinidade de predicados, características dos seres humanos, en-

quanto a personagem literária é caracterizada por fazer parte de um mundo fragmentado diferente do mundo real, é um ser configurado, tanto no sentido físico, quanto no psíquico. A personagem tem maior coerência que o ser real e maior exemplaridade. Na ficção o ser humano se torna mais transparente. Quando o valor estético da obra é acentuado, o mundo imaginário se enriquece e se aprofunda, e a personagem, figura fundamental nessa composição, representa seres humanos definidos em amplas medidas transparentes que vivem situações exemplares de modo exemplar, encontram-se integradas em um grande ciclo de valores, e tomam atitudes em face desses valores.

2.4 Gênero conto de fadas

O conto de fadas tradicional, de acordo com a autora Nelly Novaes Coelho, pertence aos contos maravilhosos e pode contar com a presença de fadas ou não. Seus eventos ocorrem dentro de uma magia feérica, contendo personagens como reis, rainhas, princesas. O foco da narrativa normalmente consiste em uma problemática existencial; há a realização do herói ou heroína, que envolve a união entre homem e mulher. Há sempre provas a serem vencidas, ou para o encontro com o seu eu, ou para encontrar a sua princesa, que seria o ideal a ser alcançado.

A estrutura do conto de fadas organiza-se da seguinte forma:

Desenvolvem-se em torno de uma ação central (uma unidade narrativa) que evolui e se resolve de maneira simples, com poucas ações secundárias ou complementares. É o caso de "Chapéuzinho vermelho" (ação central = o perigoso e temido encontro com o lobo). (COELHO, 1981, p. 57)

No conto de fadas, a narrativa desenvolve-se de forma linear, em ordem cronológica. A estrutura é a mais simples do gênero ficção, pois é oriunda de uma ação central e de um conflito. Tudo no conto é condensado, a caracterização, as personagens, por isso sua extensão é pequena. Nesse gênero, há sempre mediadores (varinha mágica, fadas entre outros) e opositores (bruxas, seres maléficos, entre outros). A imagem da mulher, nos contos de fadas, é um enigma, pois é uma força primordial, ao mesmo tempo se torna temida e vigiada pelo homem.

De acordo com a autora, Andersen foi o criador da literatura infantil, pois mesclou o pensamento mágico, com o pensamento realista. Atitudes predominantes em todas elas:

- 1) A do espírito cristão, que exalta como virtudes básicas a paciência, a resignação, o amor, a obediência, o recato, a caridade... e vê este mundo como um “vale de lágrimas”, que precisamos atravessar, para chegarmos ao céu, bem-aventurança eterna.
- 2) A do espírito liberal-burguês, que exalta o individualismo generoso e empreendedor, a igualdade entre os homens, a importância do dinheiro ou das riquezas, para a realização do indivíduo, o pragmatismo das ações, a fraternidade e o paternalismo dos ricos, para minorar o sofrimento ou as carências dos pobres etc. (COELHO, 1987, p. 77)

Ao longo do tempo, ocorreram transformações no gênero contos de fadas, relativas ao contexto e às atitudes tomadas pelas personagens femininas. Os contos tradicionais, mais convencionais, correspondem a personagens femininas submissas, já as personagens mais independentes correspondem a versões mais contemporâneas do gênero conto de fadas. Ao alterar o fim da história e o papel da personagem feminina, está havendo uma ruptura com o padrão tradicional.

3 ANÁLISE DA OBRA

3.1 Dados sobre a autora

Marina Colasanti nasceu em 1937, em Asmara, capital da Eritreia. Morou em Trípoli, na Líbia, e na Itália. Em 1948, se mudou para o Brasil, especificamente para a cidade do Rio de Janeiro. É casada com o escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tem duas filhas. Formada em Artes Plásticas, ingressou no Jornal do Brasil, iniciando sua carreira de jornalista. Teve seu primeiro livro lançado em 1968, tendo publicado mais de 50 livros no Brasil e exterior, livros de poesia, crônicas, contos, livros para crianças e jovens. É uma das mais premiadas escritoras brasileiras, ganhou o prêmio Jabuti (1993), (1994), (1997), (2010), (2011) e (2014), Ordem da Estrela da Solidariedade Italiana (2019), Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional (2009), Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil y Juvenil (2017), entre outros.

Entre suas obras, destacamos os seguintes títulos: Uma Ideia toda Azul (1978), Doze reis e a moça no labirinto do vento (1978), A menina arco-íris (1984), Lobo e o carneiro no sonho da menina (1985), E por falar em amor (1985), O verde brilha no poço (1986), Contos de amor rasgado (1986), Um amigo para sempre (1988), Aqui entre nós (1988), O menino que achou uma estrela (1988), Será que tem asas? (1989), Ofélia, a ovelha (1989), Intimidade pública (1990), A mão na massa (1990), Entre a espada e a rosa (1992), Cada bicho seu capricho (1992), Rota de colisão (1993), De mulheres, sobre tudo (1993), Eu sei mas não devia (1995), Um amor sem palavras (1995), Histórias de amor (1997), Longe como o meu querer (1997), Gargantas abertas (1998), O leopardo é um animal delicado (1998), Ana Z., aonde vai você? (1999), Esse amor de todos nós (2000), Penélope manda lembranças (2001), A amizade abana o rabo (2001), Aventuras de pinóquio – histórias de uma marionete (2002), A casa das palavras (2002), Fragatas para terras distantes (2004), A moça tecelã (2004), A morada do ser (1978, 2004), Acontece na cidade (2005), Fino sangue (2005), O homem que não parava de crescer (2005), 23 histórias de um viajante (2005), Uma estrada junto ao rio (2005), Minha Ilha Maravilha (2007), Passageira em trânsito (2010).

Através da dissertação de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará da autora Marlúcia Nogueira do Nascimento Dodo, 2010, iremos ver as diferenças entre os contos de fadas de Marina Colasanti e as formas tradicionais do gênero. No Brasil, os contos de fadas se tornaram populares a partir da publicação dos Contos da Carochinha (1896). A partir daí, alguns autores surgiram se baseando também em Monteiro Lobato, com visões inovadoras sobre os contos de fadas, como Ruth Rocha, Lígya Bojunga Nunes, e Marina Colasanti, entre outros, dando lugar a temas contemporâneos, como as questões de gênero, as transformações das personagens femininas e suas novas perspectivas.

De acordo com a autora Marina Colasanti:

Eu sou o resultado das minhas leituras. A pessoa que sou foi sendo adubada e modificada por elas. Na infância, eu lia muito por duas razões. Uma era familiar, cultural. Na Itália, minha família era voltada para isso. Meu avô era um historiador da arte, um homem muito importante nesse campo, e a biblioteca dele era o sonho de seus dois únicos netos. A outra razão era circunstancial. Eu tinha nascido na África, justamente no início da Segunda Guerra, e minha família havia regressado para a Itália. Lá, passei os cinco anos de conflito. Nos transferíamos constantemente, mudávamos de casa e de cidade o tempo inteiro. (...) Assim, meu irmão e eu estávamos sempre num lugar novo, onde não tínhamos amizades, não conhecíamos ninguém. Um lugar para onde não se levavam brinquedos nem aquele cotidiano já armado em outra casa. Então, quando chegávamos, meus pais compravam um monte de livros e nos abasteciam com eles. (COLASANTI, 2008, apud DODO, 2010, p. 18)

A autora publicou obras de literatura infantil e para adultos. O primeiro livro foi lançado em 1968, denominado Eu Sozinha. Em seus textos, a autora discute assuntos sobre amizade, felicidade, amor, sexo, entre outros, assuntos que atualmente não são mais tabus, mas já foram para muitas mulheres. Marina escreveu muitos gêneros literários, seus textos sempre contemplam temas importantes da vida, como a busca pela identidade, o egoísmo a ambição, entre outros.

De acordo com Dodo, nos contos da autora, as personagens femininas sempre demonstram ser intensas e determinadas, é notório que a autora discute deliberadamente a submissão da mulher ao homem e a cultura herdada de longa data, de um país patriarcal, cuja vida da mulher se concretizava, sobretudo, através do ca-

samento; nas suas obras, a primeira e maior diferença dos contos tradicionais é o fato de as narrativas serem protagonizadas em sua maioria por personagens femininas. Incluindo quando se trata de questões comuns na vida das mulheres, como a difícil relação com o sexo oposto, por vezes marcada pela possessividade de maridos e/ou de mães dominadoras; a autora se utiliza de uma linguagem lírica, na qual os sentimentos femininos ficam em primeiro lugar, ela não escreve seus contos de fadas para a percepção lógica, mas sim focada na emoção do leitor.

Os textos de Marina Colasanti não possuem muitos diálogos, pois ela prefere deixar o mistério em suas histórias, dessa forma ela acredita em uma interação maior entre texto e leitor. Outra diferença nos contos da autora são seus finais em aberto, ou não “felizes para sempre”, como os tradicionais, o que amplia as possibilidades do final. Suas personagens não se movem em tempo e lugar específico, sendo assim o leitor pode criar e imaginar da forma que desejar. A autora faz do amor-próprio e da consciência do si próprio uma condição para amar o outro, nesse sentido, o amor nos contos de Marina Colasanti se coloca como instrumento de descoberta individual e de conquista da identidade feminina, como exemplo no conto “A moça tecelã”.

Se, em contos clássicos como “Branca de Neve”, “A Bela Adormecida” e “Rapunzel”, as personagens aguardavam o homem que iria salvá-las, Colasanti modifica em suas narrativas essa regra e cria protagonistas fortes e que principalmente são responsáveis por sua própria salvação. No conto “Doze reis e a moça do labirinto do vento”, a autora dá autonomia para a personagem feminina. Acredita-se que assim possa estimular os jovens leitores, na sua educação consciente, sobre a construção de gênero por parte de meninos e meninas. Nas obras de Colasanti a autora se utiliza do fantástico, para tornar reais os sonhos de princesas que não escolheram casar, ser mães ou donas de casa, mas sim construindo um mundo onde elas escolhem o que e como querem ser.

A escrita feminina é diferenciada, é um olhar voltado à sensibilidade e vivências. Um exemplo de destaque da obra de Colasanti é “A moça tecelã” uma moça que se sente sozinha e acredita que pode ter em seu companheiro, que ela mesma teceu, um marido que a faça feliz, mas ele pensava somente no quanto ela poderia oferecer uma vida de luxo, pois ele era ambicioso, essa situação lembra e muito a

vida real, em que mulheres são tratadas somente como empregadas, e vivem assim por todo sua vida, mas contrariando a vida real e dos contos de fadas tradicionais, a personagem fez sua escolha, e decidiu que era mais feliz sozinha, assim desfez todas as riquezas que tinha tecido, inclusive o marido ganancioso, demonstrando que uma mulher pode sim realizar escolhas e guiar o rumo de sua vida.

Podemos ver na dissertação de mestrado do autor Anderson Gomes, pela Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, que no texto “Independência, que bonita que é”, a autora faz um paralelo entre a independência do Brasil e a independência da mulher, pois a independência exige o rompimento de tabus, no que se refere à mulher, a resistência à família conservadora, e a hostilidade da sociedade machista. Já em relação ao casamento, para a autora não se deve esperar de um casamento mais do que ele pode oferecer. No texto, “Meu marido não deixa” da autora, ela fala sobre a submissão imposta à mulher, a falta de liberdade repleta de proibições, não podendo sequer administrar seu próprio corpo, tamanho de roupas, maquiagem e até de utilizar anticoncepcional.

Há homens que acreditam que existem coisas masculinas, que somente eles podem fazer como, fumar e beber e as mulheres que cumprem essas regras, acreditam que seja algo comum, pois foram criadas dessa forma, esse é o seu papel na sociedade, de acordo com essa visão, ela não está sendo vítima, está somente seguindo costumes.

De acordo com o autor, podemos ver que as personagens são apresentadas numa perspectiva a partir do olhar masculino sobre o corpo feminino, isso equivale a dizer que, quando Marina Colasanti reproduz, em seus textos certos estereótipos femininos, o leitor mais atento vai conseguir perceber algumas mudanças, que essa reprodução tem a intenção de criticar, de denunciar, de instigar a reflexão e de clamar por mudanças. É uma reprodução consciente e que quando se liberta dos estereótipos, mostra que muitas coisas já mudaram, muitas lutas foram superadas e que situações de dominação de certo modo foram resolvidas. As práticas narrativas são formadas por estruturas sociais, históricas e culturais, e as estratégias utilizadas pelo escritor têm o poder de reforçar ou quebrar essas estruturas. Podemos dizer que Marina Colasanti, como escritora, mulher e feminista, constrói metáforas para a própria condição social e cultural da mulher; textos da autora Marina Colasanti

podem contribuir até hoje para a mudança que se espera sobre essa situação. Esses contos são como espaços onde a postura, as atitudes e a condição das mulheres devem ser repensadas propondo assim a desconstrução, e a reconstrução de valores.

3.2 Doze reis e a moça no labirinto do vento.

Este trabalho de conclusão de curso está centrado na obra Doze reis e a moça no labirinto do vento de Marina Colasanti, lançado em 1982, contendo treze contos com temáticas diversas. A escolha por esta obra deveu-se ao fato de as figuras femininas se destacarem por serem e tomarem atitudes totalmente diferentes do esperado para as protagonistas do tradicional conto de fadas. Através da riqueza de conteúdo identificada nas atitudes e personalidades das personagens da escritora brasileira, gerou-se o interesse principal pela obra, em que as personagens femininas têm um grande destaque, tomam suas próprias decisões e escolhem seus destinos. A autora é defensora assídua dos direitos das mulheres, e demonstra as transformações do papel da mulher na sociedade, através de suas personagens que demonstram outra faceta; diferentemente dos contos de fadas tradicionais, em suas obras a mulher tem escolha, atitude e um papel de destaque.

Na edição de Doze reis e a moça no labirinto do vento, lançada pela editora Círculo do Livro, em 1982, há diversas ilustrações em preto e branco, feitas pela própria autora, trazendo assim uma magia ainda maior aos seus contos de fadas, além da forma inovadora com que a autora retrata as personagens femininas em alguns textos, assim diversificando, dialogando com os tempos atuais e com o papel da mulher cada vez mais independente e empoderado perante a sociedade, assim inovando em alguns aspectos da estrutura dos contos de fadas e os mantendo no interesse dos leitores, auxiliando seu desenvolvimento humano.

A análise das personagens femininas está organizada em dois grupos, que passamos a descrever.

GRUPO I - Figuras femininas que realizam escolhas e tomam atitudes:

- **Conto “A moça tecelã”.**

No primeiro conto do livro é narrada a história que ocorre em torno da personagem da moça tecelã, que vivia sozinha, e tecia a todo o momento, assim tecendo tudo que precisasse, estava sempre satisfeita e feliz. Um dia ao se sentir solitária ela resolveu tecer um marido para lhe fazer companhia, começou a tecer e se viu extremamente feliz ao ver o companheiro que ela tanto queria, mas com o passar do tempo, ao descobrir o poder do tear, o homem começou a desejar mais, uma casa maior, um palácio, estrebarias, cavalos e etc. A moça cada vez mais se entristecia, e pensou como seria bom estar sozinha novamente, assim ela esperou anoitecer e enquanto o marido dormia ela desteceu tudo, todo o luxo que lhe foi exigido tecer, e ao final desteceu o marido, assim se tornando livre e feliz novamente.

A moça tecelã é a protagonista do conto, sendo uma personagem redonda, devido a suas características complexas, tendo somente referências de seu interior, ou seja, de sua personalidade, e traz sua descrição física. De acordo com os critérios de análise de Moisés, temos aí um ser humano que representa um grupo social, o das mulheres (moças) tecelãs.

O que ocorre no conto é a situação decorrente na vida feminina, o homem, que por achar que a mulher é dependente dele, no caso emocionalmente, a trata sem amor e como propriedade sua, lhe dando ordens, a tornando uma mulher submissa a suas vontades. Essa situação foi observada até recentemente no Brasil, a mulher que foi criada para ser dona de casa e agradar o marido. Mas nesse conto o desfecho é totalmente diferente do que ocorre nos contos de fadas tradicionais, a mulher que ao se deparar com os abusos do marido, que foi de extrema ganância e desamor, faz uma escolha e toma uma atitude, se desfazendo assim do marido ganancioso, uma atitude inesperada para alguns, mas de grande exemplo para as crianças e jovens que a leem, pois essa mudança de atitude feminina é um belo exemplo de empoderamento para as mulheres.

- **Conto “Entre leão e unicórnio”.**

A narrativa conta a história de uma rainha e um rei, em que o rei ao se casar com a rainha, na noite de núpcias acordou de sobressalto e viu um leão deitado perto de sua cama. Ao contar a sua esposa ela lhe esclareceu que o leão morava na

porta de seu sono, não deixando ela ter sonhos, assim ele se ofereceu para ajudar sua rainha, que lhe orientou a cortar as patas do leão. A rainha assim começou a ter sonhos, e todos apareciam em seus aposentos, até que uma noite surgiu um unicórnio azul, e o rei se encantou ao poder galopar no unicórnio todas as noites, durante o sono da rainha, para o rei a única coisa que importava era o momento em que a rainha dormisse para ele aproveitar os seus sonhos. A rainha sentiu-se triste e sem atenção, assim ordenou que sua dama de companhia ficasse atenta, quando a rainha fosse dormir, ela costurasse as patas do leão que ficava de guarda, e assim foi feito, assim o leão voltou a ser o guardião e a impedir seus sonhos.

A rainha não ocupa um papel de destaque, sendo uma personagem plana, sem grandes complexidades, mas que tem uma grande importância no conto, pois, ao se deparar com a situação em que o marido que ela amava não lhe dava mais atenção, pois esperava ansiosamente pelo momento em que sua esposa dormisse para viajar em seus sonhos, ela faz uma escolha e decide não ter mais sonhos, mas ter seu marido junto a si, tomando assim a atitude de que costurassem as patas do leão o “guardião de seus sonhos” para assim ter seu marido somente para si, a personagem arca com as consequências de sua escolha, pois o rei permanece preso em seus sonhos, mas ela utilizou de seu direito de escolha e realizou a ação, o que foge totalmente da submissão esperada pela figura feminina de uma rainha em contos de fadas.

- **Conto “Doze reis e a moça no labirinto do vento”.**

Esse conto é o referente ao título da obra, que começa em um diálogo que ocorreu entre a filha e seu pai, o rei, em que a princesa queria saber a serventia do labirinto; seu pai respondeu que era para “domar o vento”, em cada um dos doze nichos havia um rei barbudo de mármore, para no futuro um deles ser o marido da princesa. Passou o tempo até que um dia ela já moça decidiu que estava na hora de casar-se, o primeiro rei pretendente desfez a rigidez de mármore e pediu a mão da princesa ao rei, mas ela que respondeu “caso com aquele que souber me alcançar” e correu para o labirinto, o pretendente não conseguiu e voltou a enrijecer, no mês seguinte era hora do segundo rei disposto a conquistá-la, ela disse “Caso com aquele que seguir meu rastro” já diante do labirinto, o pretendente não conseguiu também, passou-se mais um mês foi a tentativa do terceiro, do quarto, do quinto assim

se passando seis meses, era a tentativa do sétimo rei, “Caso com aquele que cortar meu caminho” mas foi mais um rei que ficou preso no labirinto. Assim tentando um por um dos reis pretendentes, faltavam dois meses e dois reis para a tentativa, quando finalmente chegou a vez do último rei, a moça disse “Com o homem que desvendar meu labirinto, só com esse casarei” assim entrou no labirinto, mas esse rei não a seguiu, mas sim pegou sua espada e foi cortando o labirinto, arrancando os pés de fícus, até que não sobrou nada do labirinto, somente a moça que no gramado lhe sorria.

A moça é a personagem principal, pois a trama gira em seu entorno, sendo uma personagem redonda, pois vai revelando sua personalidade ao longo do enredo, tendo complexidade em suas atitudes, sendo um ser humano com características únicas, realizando assim a ação e sendo protagonista do conto.

Nesse conto, que dá título ao livro, a diferença da personagem feminina é a mais forte e explícita da obra, sendo uma princesa que toma a decisão de que está na hora de casar, de que ela quer casar em determinado momento, ela escolhe por que prova seu pretendente terá que passar, e tendo vencido sua condição aí merecendo casar-se com ela, é a demonstração de uma mulher que decide sua vida, faz escolhas e luta por elas, bem diferente da situação em que as mulheres indiscutivelmente foram obrigadas a casar-se quando e com quem seu pai escolhesse, sem o menor direito de opinião ou escolha sendo submetidas a casamentos sem amor, em alguns casos com homens bem mais velhos, mas com a vida financeira estável, o que os tornava um bom partido. A princesa demonstra ser independente, e empoderada, ao realizar escolhas e sentenciar as provas a que os príncipes devem se submeter, se utilizando de uma esperteza e inteligência que as mulheres desenvolveram ao longo do tempo em nosso país para ter no caso específico, algum direito sobre si.

- **Conto “A procura de um reflexo”.**

Neste conto, a narrativa começa em um dia de manhã, em que a moça foi se olhar no espelho, e não enxergou seu reflexo, então pensou que poderia ter esquecido seu reflexo no lago em que havia ido no dia anterior, foi depressa ao encontro do lago; ao questioná-lo ele lhe diz somente que talvez sua imagem tenha sido leva-

da pelo córrego. Devido ao desespero a moça retirou seus calçados e foi ao encontro de seu reflexo, de tanto caminhar não notou que entrou em uma gruta, e acabou por se perder. Ao tentar achar a saída guiando-se pela luz, chegou a um imenso salão repleto de espelhos, e a frente de cada espelho havia uma bacia de prata, quando movida pela curiosidade ia observar o que havia dentro, assustou-se com a voz de uma mulher, a dama dos espelhos. Imediatamente se desculpou pela invasão, mas, ao ter a permissão de observar o que havia nas bacias, levou um grande susto ao se deparar com diversos rostos, um em cada recipiente. Tentou achar incessantemente seu reflexo, até que a dama lhe disse onde estava, mas ao se debruçar sobre o recipiente, seu reflexo não lhe acompanhou, então a dama dos espelhos lhe ordenou que ficasse até a noite, para descobrir porque nenhum reflexo jamais saiu de sua caverna. Ao chegar a noite, a dama retornou, já não tão bela, nem jovem, escolhe um dos recipientes e jogou a água sobre a cabeça, assim tornando-se jovem novamente, pertencente ao reflexo antes preso na água, a moça com fúria jogou a bacia contendo seu reflexo contra os espelhos, fazendo com que os espelhos e cristais se quebrassem, e por consequência a dama dos espelhos caiu ao chão e se esvaiu, assustada a moça fugiu da caverna, quando chegou ao córrego, ao ir tomar água se deparou com seu reflexo novamente, agora em seu devido lugar, em seu rosto.

A moça é uma personagem redonda e sua descrição é muito mais abstrata e complexa. O mesmo se dá com a personagem dama dos espelhos, tendo como diferenças somente o fato de que a moça é protagonista da narrativa e a dama é antagonista, devido a suas atitudes serem opostas às da moça, além da dama lembrar a mulher que antigamente era considerada como uma feiticeira, uma mulher com poderes a mais que os homens, e que não eram benquistas durante grande parte da história do Brasil. A moça, ao não encontrar sua face, não se intimida pela perda, e toma a atitude de ir atrás de realizar uma busca para encontrar o que perdeu, demonstrando coragem e independência ao agir, ao se deparar com a situação em que a dama rouba os reflexos das moças para manter-se jovem, a personagem da moça não se intimida e de forma ousada reage jogando a bacia com seu reflexo no espelho, assim sendo uma heroína e recuperando o que lhe pertencia, demonstrando a coragem e independência que culmina no empoderamento da mulher inclusive em

sua autodefesa, lembrando as mulheres que no séc. XX tem o seu começo de liberdade de escolhas.

- **Conto “O rosto atrás do rosto”.**

No conto “O rosto atrás do rosto”, tem-se a história de um guerreiro, que após vencer muitas batalhas, se apossou do reino e resolveu que iria viver lá, sem que ninguém jamais tivesse visto seu rosto, coberto por uma máscara de aço há tanto tempo para lutar na guerra, todos acreditavam que com o término da guerra ele tiraria a máscara junto com a armadura, mas isso não ocorreu. Passou o tempo, surgiu no guerreiro a vontade de casar-se, assim convocando os países vizinhos que enviassem as princesas que estivessem interessadas em governar o reino ao seu lado, diversas moças foram lhe conhecer, mas todas fugiam ao se deparar com a máscara de aço, quando o guerreiro já estava desesperado, apareceu uma jovem moça, que aceitou casar-se com ele, e ele fez somente uma exigência de que ela jamais pedisse para ver seu rosto, assim se casaram.

Após um ano de casados, a moça começou a se sentir triste por não ver a fisionomia de seu marido, ele realizou sua vontade e retirou a máscara, revelando outra por baixo, só que de bronze, assim ele disse: “Se teu amor por mim ainda existe, nunca mais faça pedido como este” (COLASANTI, 1982 p. 69). Se passou mais um ano, e a rainha começou a se sentir tão triste, que os médicos não sabiam como resolver, assim o guerreiro perguntou-lhe o que ela queria para lhe ver melhor, ela desejou ver seu rosto, e novamente ele retirou sua máscara, revelando outra por baixo, feita de laca. A rainha então decidiu não mais pedir a retirada das máscaras, ela mesma faria isto. Enquanto o guerreiro dormia, ela levou a vela perto de seu rosto, e retirou a máscara, ao se assustar e fugir correndo, ela derruba a vela na cama em que dormiam, foge sem olhar para trás, enquanto chamas de fogo se espalham pelo castelo, enquanto na janela do palácio, a máscara derrete, e revela que por baixo da máscara, não havia nada, além de um escuro vazio.

A personagem é redonda nesse conto, devido ao fato de expor sua personalidade ao longo da narrativa, se demonstrando complexa em alguns momentos, como ao começo do conto aceitar de forma tranquila e amorosa a máscara de aço que o guerreiro utiliza. Ao decorrer na história ela se demonstra cada vez mais curiosa so-

bre o rosto que estava por trás, assim realizando ações e tomando atitudes que causam uma grande consequência, que é a morte do guerreiro. Mesmo não sendo intencionais os acontecimentos causados por ela, nota-se a diferença das princesas convencionais, que obedeceriam cegamente seu marido como foi ensinado por toda a vida a todas as mulheres, a submissão ao marido e sempre pensando somente na felicidade e bem-estar dele.

- **Conto “Uma concha à beira mar”.**

Neste conto é narrada a história que começa no aniversário do filho do rei, em que ele ganhou diversos presentes, mas sentiu-se encantado pela concha rosa que ganhara do rei de um país distante, curioso o príncipe colocou a concha no ouvido como o rei que lhe presenteou o ensinou, ouvindo assim um leve canto, ficou horas ouvindo encantado, até que adormeceu. Ao acordar ele pensou em ouvir o som novamente, quando pegou a concha sentiu que lhe caiu um pingo que ele descobriu ser salgado, ficando ainda mais encantado pelo presente, ao passar dos dias ele ficava mais tempo com o presente que recebera, até que um dia ao pegar sua concha ao amanhecer, notou que tinha uma longa trança loura junto ao filete de água que escorria da concha, assim com delicadeza ele puxou a trança para fora, até que surgiu um sereia, do tamanho de um palmo e linda, tanto que se viu apaixonado no mesmo instante. Ao acomodá-la em seu palácio, ele viu que ela chorava a todo momento, assim descobrindo que o filete de água que saía da concha era na realidade lágrimas da sereia, o príncipe lhe deu tudo, mas ela não se sentia feliz, pois só queria o mar. O príncipe então decidiu leva-la ao mar; após dias e dias de viagem finalmente chegou ao mar que não conhecia, mas lhe encantava, ao abrir a sacola para que a sereia finalmente lhe sorrisse, devido a emoção ele deixou a concha cair para o mar, desceu com desespero atrás da sereia, mas não a achou mais, procurou por toda praia, sem jamais encontrar.

A personagem, mesmo não falando, ou praticando ação, a narrativa se desenvolve através de seu aparecimento, e do amor que o príncipe sentiu por ela, sendo assim uma personagem plana, sem exploração de características além das físicas, não demonstrando sua personalidade, somente uma atitude como a autora gosta de proporcionar, o posicionamento em que uma sereia, tendo absolutamente tudo por parte do príncipe, como luxo e bem-estar, sendo amada, mas que ainda

assim não conseguia ser feliz, pois só desejava o mar, só desejava seu lar, realizando uma escolha sobre sua vida, mesmo com tantos luxos e amor que lhe foi ofertado, ela só queria voltar para o mar, para sua casa, e assim o fez, sem olhar para trás ela se manteve firme em sua vontade, em sua personalidade e independência, como uma mulher que escolhe e segue seu caminho.

GRUPO II - Figuras femininas submissas em diversos aspectos:

- **Conto “A mulher ramada”.**

No conto, é narrada a história de um jardineiro, que se sentia sozinho, sempre com suas plantas e apenas observando a vida ao longe, até o momento em que planta uma roseira, que ao desabrochar ele foi dando forma de mulher, chamando-a de Rosamulher, acompanhou e cuidou a todo momento, sempre a podando para que não nascesse nenhum botão de rosa, para não desfazer a perfeição que o jardineiro havia feito. De tanto ele “contrariar a primavera” como diz a autora, o jardineiro acaba por adoecer, muitos dias passaram até ele poder voltar ao jardim, quando pode finalmente retornar, viu rosas em diversos lugares da mulher ramada, observando sua amada pode perceber que ela estava muito mais bonita agora, a partir desse momento ele soube que não teria mais coragem de podá-la, assim sua beleza encantava a todos que passavam pelo jardim.

Rosamulher é uma personagem plana, existem elementos descritivos da aparência que lhe foi dada, mas a personagem por sua natureza, é um elemento da natureza assim não sendo possível descrever sua personalidade, mesmo assim é uma personagem, pois não realiza ação no enredo, mas o enredo gira em torno de sua existência.

A situação de Rosamulher é a mesma vivenciada por diversas mulheres em seu dia-a-dia, sendo “podadas” por seus companheiros, seja na forma da mulher ser, de se vestir, se comportar e etc, sempre como uma propriedade pertencente ao homem, para ele ela deveria ser da forma que ele idealizava como a mulher perfeita, que era submissa a suas escolhas e ordens, sempre a moldando para ser a “mulher” perfeita que ele desejava. Ao ficar impossibilitado de ir até Rosamulher, ela desabrochou, ela se tornou dona de si, crescendo e aparecendo ainda mais linda e principalmente livre, e assim finalmente ele entendeu que assim era como ela deveria

ser, se tornando ainda mais bela, o deixando ainda mais apaixonado. É a demonstração clara de como ocorre a submissão da mulher em relação ao homem, ele como seu mentor que lhe dita regras, como sempre a maioria das mulheres foram ensinadas a ser, ao decorrer dos séculos em nosso país, submissas às vontades de pai, de marido, de família, e quando se tornam finalmente livres, desabroçam.

- **Conto “Uma ponte entre dois reinos”.**

Neste conto é narrada a história de mãe e filha, em que, no dia que a menina nasceu, sua mãe lhe cortou os cabelos pois lhe dizia que dava muito trabalho, e assim permaneceu por toda infância, chegando um dia a fase em que a tesoura já não lhe cortava mais o cabelo, perdia o fio, assim como o facão, machado e etc. Nada mais era capaz de cortar o cabelo, permitiu-se que o cabelo crescesse. Ao passar dos anos, com seu cabelo extremamente comprido, ao retirar um fio de sua cabeça lhe corria uma gota de sangue, que se tornava rubi, sendo assim sua mãe lhe pedia muitos fios de cabelo, sempre com alguma desculpa para obter mais e mais rubis. Até que a fama de seus cabelos se espalharam, e um rei que desejava construir uma ponte até o reino vizinho lhe chamou até seu palácio, sua mãe lhe permitiu ir, desde que não arrancasse um fio de cabelo longe dela. Assim foi feito, após o pedido do rei por seus fios de cabelo, a menina disse que lhe entregaria no dia seguinte, entregando-lhe três fios e conseqüentemente mais 3 rubis a sua mãe. Quando a ponte ficou pronta o rei mandou chamar a jovem para atravessar pela primeira vez a ponte, sua mãe permitiu, mas ela iria na frente. Ao chegar ao local a velha tomou a frente pois ela era a mãe da menina tão preciosa, ao subir com toda sua empáfia, seus passos eram muito duros e seus bolsos estavam pesados de tantos rubis, assim ela escorregou da ponte caindo rio abaixo, e em seus bolsos o barulho dos rubis, todos olharam para o rio e nada viram, então o rei lhe estendeu a mão e assim a moça atravessou a ponte, unindo os dois reinos.

Nesse conto é clara a situação da moça totalmente submissa a sua mãe, que era extremamente gananciosa, e que por ser tão interesseira se utilizava da própria filha para obter lucro, a menina em momento algum questiona algo, pois foi criada como todas as mulheres, a serem obedientes acima de tudo, submissas e a acatar sempre ordens de seus pais e futuramente de seu marido, ainda sendo um conto tradicional, devido a que ela necessitou de uma ação movida por um rei, uma

personagem masculina, que causou sua libertação da mãe manipuladora e controladora.

- **Conto “De suave canto”.**

No conto é narrada a história das garças que chegaram no outono, causando estranhamento pois elas sempre vinham anunciar o fim da primavera, é o que todos se perguntavam na aldeia. Ao retornar à aldeia um caçador informou a todos que esse era o ano reservado para o nascimento da filha da rainha das garças, e que havia várias garças fazendo barreira com o próprio corpo para proteger a rainha do vento frio. Até que a primavera chegou, e todos se perguntavam se teria nascido a filha da rainha, e assim começou o cantar e durou noite e dia. Um homem da aldeia se dispôs a descobrir o que estava acontecendo, não retornou, foi o segundo, não retornou, foi o terceiro atrás dos outros dois, e nada, até que Taim o mais moço e bonito da aldeia foi atrás do som, ao chegar e se deparar com a princesa ele já se encontrava apaixonado, passou a noite então pensando o que faria, ao amanhecer pegou um galho do salgueiro e estendeu a corda de seda de cima a baixo, assim tecendo uma enorme harpa, ao ouvir o som uma a uma das aves abriram caminho, Taim sabendo que poderia afundar no pântano cortou dois galhos, e assim com “pernas” de garça ele alcançou a princesa, assim calando o som.

“De suave canto” é um conto em formato convencional, em que a personagem feminina é salva pelo homem que como um herói soluciona qualquer adversidade, a salvando e conquistando-a para si, a mulher como tradicionalmente a espera de seu amor verdadeiro, que realiza todas as tarefas e chega a ela, é a história clássica da mulher dependente da figura masculina em sua vida, como sempre foi no decorrer dos tempos tradicionais em relação ao feminino.

- **Conto “Onde os oceanos se encontram”.**

O conto narra a vida de duas ninfas irmãs, Lânia e Lisíope que trabalhavam a serviço do mar, cuidando dos afogados que o mar trazia, os arrumavam, e os devolviam ao mar, Lânia a mais forte os tirava da arrebentação, já Lisíope a mais delicada os lavava com água doce e os envolvia em lençóis brancos que as duas teciam. Em um dia desses o mar trouxe um rapaz e quem o encontrou foi Lânia, apai-

xonando-se no mesmo momento por ele, assim pedindo a morte que o trouxesse de volta a vida, assim foi feito, mas ao acordar o rapaz só teve olhos para a sua irmã. Em um momento de ódio Lânia pede à morte que leve sua irmã embora, a morte ao ver aquela chama de ódio acata o pedido, Lisíope deveria estar deitada com os pés em direção ao mar quando a maré subisse, Lânia então induz sua irmã a deitar onde a morte havia falado, e ficou ao longe observando, até pegar no sono, e não perceber que o rapaz havia ido deitar ao lado de sua irmã à beira do mar. Quando amanheceu o dia, não tinha mais ninguém à beira do mar, ao ver as marcas na areia ela notou então a marca de dois corpos lado a lado com as mãos unidas.

Lânia é uma personagem redonda e antagonista, pois está em oposição a sua irmã, por ter características mais complexas e sua personalidade vai sendo demonstrada ao longo da narrativa, já Lisíope é uma personagem plana, sem descrições de personalidade nem descrições físicas, não possui ações durante o enredo, mas sendo protagonista por fazer o enredo acontecer. As duas são seres humanos, e cada uma tem sua personalidade individual, mesmo a personagem Lisíope não demonstrando traços de personalidade ao longo do enredo. Um caso em que a personalidade engenhosa da personagem feminina Lânia é nítida, mesmo sendo motivada pelo ciúmes e inveja da irmã. O que podemos notar é que historicamente existe a disputa entre mulheres pelo ser amado, a disputa pelo homem, que somente fica como um prêmio a ser conquistado, enquanto as mulheres de todas as formas possíveis, no caso do conto com a morte da própria irmã para se ter o amor do homem conquistado, a rivalidade feminina é constante, e baseia-se em motivos de criação, a educação que foi dada a diversas moças durante séculos é que é necessário um marido, o auge da vida de uma mulher seria o casamento, a vida a dois, independente de que vida fosse, se feliz, se triste, o ápice a ser alcançado era o matrimônio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como tema **A REPRESENTAÇÃO DAS FIGURAS FEMININAS EM DOZE REIS E A MOÇA NO LABIRINTO DO VENTO, DE MARINA COLASANTI** e seu objetivo foi realizar o estudo das personagens femininas na obra de Marina Colasanti, destacando a representação da mulher.

Após análise da obra, constatou-se que os contos podem ser divididos em dois grupos, o primeiro grupo contendo as figuras femininas mais autônomas e independentes, o segundo contendo as figuras femininas que são submissas em diversos aspectos.

No primeiro grupo, ficaram os contos “A moça tecelã”, “Entre leão e unicórnio”, “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, “A procura de um reflexo”, “O rosto atrás do rosto”, “Uma concha a beira mar”. No grupo dois: “A mulher ramada”, “Uma ponte entre dois reinos”, “De suave canto”, e “Onde os oceanos se encontram”.

O grupo I é a representação da figura feminina como uma mulher atual, que não se submete mais a anos de repressão, que se libertou de várias regras impostas pela sociedade, por seus pais e maridos. Essas personagens representam o direito adquirido de serem donas de si, como no conto “A moça tecelã”, em que o tão sonhado marido se torna um homem ambicioso que somente a obriga a trabalhar para ter mais bens materiais. Ao agir desse modo, ele se comporta como tantos homens que fazem de suas esposas prisioneiras de suas vontades. Mas a partir do momento que ela não se sente feliz, ela escolhe voltar a ser sozinha e toma a atitude de destecer o marido, exercendo a liberdade da mulher em se desfazer de uma relação tóxica, utilizando seu direito de escolha.

Outro conto deste primeiro grupo é “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, em que a princesa escolhe quem será seu marido, utilizando de diversas provas para que eles merecessem se casar com ela, ainda que o momento de se casar, quem escolhe é a princesa, não tendo em momento algum a intercessão de seu pai. É um conto que demonstra o respeito da figura masculina, representada pelo rei,

pelas decisões da princesa, que responde por si e escolhe seu futuro, extremamente diferente do que foi a vida da mulher ao longo da história, em que seu marido era escolhido por seus pais, e em que eram obrigadas a casar ainda tão novas, logo após a menarca, esse acontecimento já era o aviso que a menina estava pronta para se casar.

Já os contos de fadas do grupo II, englobam as narrativas que ainda possuem diversos elementos de contos de fadas mais tradicionais, em que a personagem feminina é submetida a vontades alheias, seja do sexo oposto ou até de sua própria mãe. Nesse grupo, os contos selecionados demonstram diversos tipos de submissão, a começar pelo conto “A mulher ramada”, em que a roseira é a imagem de uma mulher, foi podada pelo jardineiro com esse intuito, e ao compará-lo a um relacionamento, é a situação de uma relação abusiva, em que o marido (jardineiro), tenta podar, modificar a todo tempo a sua esposa (Rosamulher), não permitindo que ela se torne ela mesma, no conto em si, somente quando ele se afasta da roseira, ela floresce, e aí então, a vendo linda e liberta, ele se encanta e se apaixona ainda mais. Em se tratando da realidade, esse final feliz nem sempre é possível, pois o machismo persiste de tal forma, que uma mulher só se liberta de relações assim, quando consegue se afastar de seu opressor.

Outro exemplo é o conto “Uma ponte entre dois reinos”, em que a personagem feminina desde pequena é submissa às vontades da mãe, que cortava seu cabelo, não permitia que crescesse. Até que, pela força da natureza, o cabelo cresce, assim vencendo a vontade da mãe e, a partir daí, os cabelos longos e resistentes da moça se tornaram lindos, e como a cada vez que arrancasse um fio o sangue que corria se tornava um rubi, sua mãe por ganância inventava motivos para obter mais fios e mais rubis, sempre buscando e exigindo mais de sua filha. A moça durante todo o conto é submissa à figura materna, e se liberta somente no momento em que um rei interfere na história, praticamente sendo salva pela figura masculina, como o convencional nos contos, assim a figura feminina nesse conto é parte do tradicional, uma moça que sem ações, reações ou escolhas é levada por ações e escolhas de terceiros, como foi durante toda a retrospectiva das mulheres historicamente, sem direito a escolha alguma, sendo tratada como marionete.

Na obra, é possível identificar que um mesmo gênero, os contos de fadas, permite representar comportamentos diferentes por parte das personagens

femininas. As atitudes mais independentes ou mais submissas das personagens, podem ser associadas à trajetória da mulher na sociedade brasileira, como foi demonstrado no capítulo 2, ao comentarmos a obra de Mary del Priore, A história das mulheres no Brasil.

Nos contos de fadas de Marina Colasanti, a ideia de não ser espectadora de sua própria vida e de não esperar a salvação do príncipe encantado tem grande valia nos dias atuais, em que ainda tantas mulheres passam por restrições, seja pela sociedade ou por seus companheiros. A leitura de sua obra pode ser um incentivo para libertação de amarras que causaram e causam sofrimento às mulheres por tantos anos. Provoca reflexão ao demonstrar que a mulher pode optar, rebelar-se, construir e desconstruir, mas também provoca na composição da obra, ao colocar lado a lado versões convencionais e versões contemporâneas do gênero, a autora reforça a possibilidade de reflexão sobre a condição feminina.

Finalmente é importante que um gênero tradicionalmente associado ao público infantil e juvenil aborde o tema da condição feminina. E a forma como Marina Colasanti elaborou suas histórias contribui para que os jovens leitores reflitam sobre os direitos das mulheres, tenham a consciência dos anos de luta por liberdade e autonomia e do valor fundamental de que todas realizem escolhas para suas vidas, arcando com as consequências desse ato, é claro, mas usufruindo de sua emancipação que com tanto custo foi conquistada. Levar nossas crianças e jovens a perceberem essas possibilidades de interpretação da obra de Marina Colasanti depende muito da atuação de mediadoras e mediadores de leitura, como os pais, professoras e professores, que interessados na formação do jovem leitor, os auxiliem nesse percurso. Acredito que, em sala de aula é uma ótima possibilidade de desfazer ideais de comportamento feminino que não se encaixam mais atualmente, por meio dos contos de fadas, um gênero ainda tão popular. Adultos se utilizam da figura da princesa como exemplo de comportamento para as crianças, mas ao se utilizar a perspectiva da figura feminina contemporânea, como nos contos de Colasanti, acredito que será exposta a possibilidade de escolha, que todas as mulheres possuem, em que elas possam decidir sobre casar-se, ter filhos, uma carreira, enfim, ser livres, podendo escolher principalmente o seu destino.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron, 1981.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Círculo do livro, 1982.
- DODO, Marlúcia Nogueira do Nascimento. **De fadas e princesas: Afetos femininos em Marina Colasanti**. Orientador: Vera Lúcia Albuquerque de Moraes. 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FARIAS, Morgana de Medeiros. **Mulher, Casamento e autoria feminina: enfoques na literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti**. Orientadora: Liane Schneider. 2017. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- GOMES, Anderson. **E por falar em mulheres: relatos, intimidades e ficções na escrita de Marina Colasanti**. Orientadora: Simone Pereira Schmidt. 2004. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, 2004
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- OS ESTUDOS CULTURAIS. **Portal da educação**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/concursos/os-estudos-culturais/51675>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- PAULINO, Simone Campos. **Nos fios das narradoras: tramas e urdiduras do feminino nos contos de fadas de Angela Carter e Marina Colasanti**. Orientador: Júlio César França Pereira. 2014. Dissertação (Mestrado) Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2014.
- PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2004.